

EXU NAS ESCOLAS: POR UMA CIRCULARIDADE DO SABER

Denis Harmony Santos da Silva (UCSAl/IFBA) ¹

Leonardo Rangel dos Reis (IFBA) ²

RESUMO

Com a implementação da Lei 10.639/03, modificada pela Lei 11.645/08, o ensino de História e Cultura Afro-Indígena-Brasileira se tornou obrigatória em todas as instituições de ensino do país. Dessa maneira, surge a necessidade de estabelecer reflexões acerca das práticas didático-metodológicas desenvolvidas em sala de aula, pelos professores e profissionais de/da educação; além de expor a singularidade deste ensino na vida dos estudantes negros e adeptos das religiões de matrizes africanas, que são invisibilizados por esta educação dominante e excludente. Por tanto, este trabalho propõe reconhecer a Educação Pluriversal enquanto ação transformadora, a partir da circularidade dos saberes e da ancestralidade filosófica, que (re)conhece a ontologia do Ser na sua singularidade e ao mesmo tempo nas múltiplas pluralidades. Dentro desta pluri-perspectiva do educar, será proposto, também, uma (re)leitura pedagógica a partir da transgressora figura do “diabólico” e divino Exu, por meio de um olhar sensibilizado, dialogando com livros infanto-juvenis, imagens e músicas, como “Exu nas escolas”, de Kiko Dinucci e Edgar, apresentada no mais novo CD ‘Deus é mulher’ de Elza Soares, e lendas/mitos de/sobre Exu.

Palavras-chave: Educação. Lei 10.639/03. Ancestralidade. Exu nas escolas.

ABSTRACT

With the implementation of Law 10.639 / 03, modified by Law 11.645 / 08, the teaching of Afro-Indigenous-Brazilian History and Culture has become mandatory in all educational institutions in the country. Thus, there is a need to establish reflections on the didactic-methodological practices developed in the classroom by teachers and professionals in education; besides exposing the singularity of this teaching in the life of the black students and adherents of the religions of African matrices, that are invisibilizados by this dominant and excluding education. Therefore, this work proposes to recognize Pluriversal Education as a transforming action, based on the circularity of knowledge and philosophical ancestry, that (re) knows the ontology of Being in its singularity and at the same time in the multiple pluralities. Within this pluri-perspective of educating, a pedagogical (re) reading from the transgressive figure of the "devilish" and divine Exu will also be proposed, through a sensitized look, dialoguing with children's books, images and music, such as "Exu in Schools" by KikoDinucci and Edgar, presented on Elza Soares newest CD 'God is Woman', and legends / myths from / about Exu.

Key-words: Education. Law 10.639/03. Ancestrality. Exu in schools.

¹ Licenciado em História, pela Universidade Católica do Salvador (UCSAl). Graduando em Geografia, com habilitação em licenciatura, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Pós-graduando em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio, pela Universidade Federal da Bahia (FACED-SEAD-UFBA) – denisharmony@hotmail.com.

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da FACED/UFBA. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2011). Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (2009). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2007). Professor Efetivo de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFBA, Campus Salvador - leonardorangelrreis@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Durante mais de três séculos o Brasil recebeu mais de um milhão e meio de negros africanos, na condição de ‘escravos-escravizados’, para servirem compulsoriamente no processo de “desbravamento” de terras extrativistas, ou seja, formaram a mão-de-obra cativa, nas produções agrícolas em terras brasileiras, para o enriquecimento financeiro dos seus ‘senhores’³e, conseqüentemente, da metrópole portuguesa. Esses negros também foram responsáveis em salvaguardar os saberes tradicionais e religiosos, e os costumes culturais africanos, que existem e resistem, mesmo que ressignificados, na história nacional e identitária do povo brasileiro.

Contudo, as contribuições socioculturais dos povos africanos e, posteriormente, dos seus descendentes, foram marginalizadas e diabolizadas a partir do pensamento eurocêntrico e excludente, introduzido e predominante no Período Colonial, mas que, de forma geral, ainda, persiste violentamente nos espaços (sociais, culturais e imagéticos) conservadores da sociedade brasileira. Dentro desta concepção, à África se encontra/va num estágio evolutivo inferior, frente às demais sociedades “civilizadas” e “pré-civilizatórias”, ou seja, segundo essa ótica, os negros africanos eram/são selvagens e se organiza/vam/m socialmente entre tribos, sem possuir qualquer tipo de civilização.

Para tentar solucionar os conflitos dinâmicos e raciais da sociedade brasileira, foram realizadas pesquisas, a partir do século XX, críticas e analíticas a respeito das reais contribuições – políticas, econômicas, artísticas, culturais e sociais – dos negros escravizados, alforriados, libertos e livres na História do Brasil. Tais pesquisas contestavam o inigualável celeiro cultural-religioso herdados dos povos oriundos do continente africano; inicialmente, pautadas nas obras do Nina Rodrigues⁴.

Até mesmo Gilberto Freyre⁵, um dos primeiros autores a utilizar a teoria culturalista no país, como forma de combate ao modelo preconizado pelo racismo científico, continua

³ Termo usado em quase todo o período escravista, pois no Período Colonial do Brasil o negro era ‘visto’ enquanto propriedade e tendo valor de compra.

⁴ Raimundo Nina Rodrigues, médico e antropólogo, nasceu em um distrito de Vargem Grande, São Luís do Maranhão (MA), no dia 4 de dezembro de 1862, filho de Francisco Solano Rodrigues e de Luísa Rosa Nina Rodrigues. Formando-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1888; e em 1889 tornou-se professor adjunto da cadeira de clínica médica na própria Instituição de Ensino. Produziu diversos trabalhos sobre as origens étnicas da população e as influências psicológicas e sociais a respeito da conduta do indivíduo. Faleceu em Paris no dia 17 de julho de 1906. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RODRIGUES,%20Nina.pdf>.

⁵ Gilberto de Mello Freyre foi um sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro. Nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 15 de março de 1900, filho do professor Alfredo Freyre e de Francisca de Melo Freyre. Em 1933 escreveu seu livro mais conhecido pelo povo brasileiro: "Casa Grande e Senzala", que problematizava e formava (imageticamente) a sociedade racial do Brasil. Faleceu no Recife, Pernambuco, no dia 18 de julho de 1987. Informações disponíveis em: https://www.ebiografia.com/gilberto_freyre/.

tentando mitigar a importância da matriz afro na formação da sociedade brasileira. Sua perspectiva ainda é o da escritura da história a partir da ótica dos vencedores. Em sua obra, é patente o lugar de destaque conferido aos feitos e costumes dos portugueses.

Durante muito tempo, as ciências e a educação viram-se reféns da teoria que ficou conhecida como racismo científico. Uma perspectiva de educação assentada em tal princípio de instauração da desigualdade e assimetria, hoje, é comprovadamente tida como elitista, discriminatória e excludente. Porém, os currículos escolares ainda estão longe de viabilizar e visibilizar as histórias e saberes dos grupos minoritários. Eles ainda se valem pouco de narrativas contra-hegemônicas e de circulação de saberes dos grupos marginalizados, portanto, ainda carecem de estratégias de resistência e combate suficientes fortes para provocar e promover reflexões profundas sobre as práticas de ensino (teórico-pedagógicas) e, concomitantemente, estabelecer um currículo escolar que viabilize o ensino da(s) cultura(s) africana(s) e afro-brasileira, visibilizando e empoderando, com isso, saberes e experiências que foram/são silenciadas pelas práticas curriculares epistemicidas.

Dessa forma, a Lei nº 10.639, sancionada em 09 de janeiro de 2003, e modificada pela Lei nº 11.645, sancionada em 10 de março de 2008, que incluiu a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todos os currículos escolares, pelo então Presidente da República Federativa do Brasil Luís Inácio Lula da Silva, alterou, de forma significativa, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), certificando e valorizando a pluralidade étnica, e as suas interfaces, enquanto identidade sociocultural do Brasil.

Como declarou o saudoso historiador e Presidente da Fundação Cultural Palmares, Ubiratan Castro de Araújo, conhecido na Bahia como Bira Gordo, na apresentação do livro “Literatura afro-brasileira”, publicado em 2006, pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO).

Acreditamos que o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira representará um passo fundamental para um convívio social caracterizado pelo mútuo respeito entre todos os brasileiros, na medida em que todos aprenderão a valorizar a herança cultural africana e o protagonismo histórico dos africanos e de seus descendentes no Brasil.

Por outro lado, é necessário destacar que - ainda - falta muito para a construção de políticas efetivas focadas em explorar/integrar/(re)cuperar o pleno reconhecimento étnico-racial no Brasil e para a formação de uma Educação pluriversal.

Dentro desta perspectiva, o desafio de combater a rejeição e intolerância às múltiplas histórias, culturas e saberes africanos e afro-brasileiros em todo ambiente escolar – seja por

parte da gestão, dos professores e na efetivação de práticas significativas nas salas de aula – surge à possibilidade de educar pluralmente a partir da transgressora figurado “diabólico” e divino Exu.

A travessia pedagógica de transformar uma figura emblemática como Exu, através de um olhar sensibilizado, dialogando com livros infanto-juvenis, imagens e músicas, como “Exu nas escolas”, de Kiko Dinucci e Edgar, apresentada no mais novo CD ‘Deus é mulher’ de Elza Soares, e lendas/mitos de/sobre Exu; pode ser um potente recurso epistemológico, didático e até ontológico, na medida em que mobiliza e potencializa a circulação de saberes silenciados, visibiliza novos modos de vida, problematiza o que está posto, e envolve/enlaça vários conceitos: racismo, preconceito, cultura, resgates, moral, Leis, etc. - a serem trabalhados na educação básica.

Neste sentido, trazer Exu para sala de aula leva em conta a laicidade do Estado, da escola, e do educando, pois, o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira não é doutrinação ou catecismo, é educação inclusiva, valorativa e plural. Por isso, Exu nas escolas corresponde a uma ousadia didático-pedagógica que perpassa o sentido religioso, podendo ser trabalhado por qualquer disciplina-escolar ou turma, ultrapassando o campo religioso e se espraiando por vários outros campos, tais como: o educativo, estético, político, ontológico, etc. Tendo como parâmetro a desconstrução das visões preconceituosas, estereotipadas e discriminatórias da Cultura-Negra. Trata-se de postura estratégica de potencialização do que podemos chamar uma educação sensível dos sentidos, afinal, diz respeito à mobilização e transformação do diálogo reinante e da sensibilização do olhar e dos outros sentidos; é oportunizar falas silenciadas; reconhecer o papel da Educação enquanto transformação dos sujeitos em formação.

2 A CONCEPÇÃO VISUAL DO DIABO

Com o advento da Idade Medieval, período cronologicamente historiográfico, qualquer “deus pagão”, ou seja, não cristão, assumia a figuração do diabo, descrita religiosamente a partir de “traços iconográficos mais comuns, somados a outros – presentes na imaginação contemporânea – tais como cornos, pelugem de bode, falo descomunal e um nariz grande” (SODRÉ, 2010, p.21). Acrescido a todas as características supracitadas, havia um outro elemento – a cor negra – que representava a reprovação divina, ou, simplesmente, o descendente maldito do Pai (Deus), o Lúcifer (figura diabólica cristã).

Destaque especial é que ele era, segundo o simbolismo habitual, em inúmeras civilizações e não unicamente entre os cristãos, frequentemente

negro, sendo também representado cromaticamente em tons de vermelho [...] O Concílio de Trento o descrevia como um ser muito grande, e lhe conservando a cor negra, dava-lhe ainda garras, orelhas de nós, olhos faiscantes, dentes rangentes e capacidade de espalhar odor de enxofre, além de dotá-lo com um enorme falo. [...] Já no século XIII, a arte gótica não admite colocar o demônio num lugar medíocre, passando o mesmo a ser representado esmagado pelo Cristo em majestade nos frontões das catedrais, valorizando assim ainda mais a beatitude dos eleitos ao paraíso. Nesse momento, um pouco mais enfeado, **o diabo adquire um caráter brincalhão ou zombador** (SODRÉ, 2010, p. 21, grifo nosso).

Porém, a construção de uma imagem negativa do negro enquanto ser sujeitado, dominando por crenças diabólicas, por mitos infantis, pelo atraso cultural, pela carência da razão, ocorreu a partir do século XV, construída pelos europeus-cristãos em contato com o continente africano, para justificar todo processo de conquista, dominação, colonização, catequese, conversão e escravidão. Deste modo, “toda a fantasia da Idade Média estava presente na imaginação dos navegantes e traficantes, pois essa terra era sinônimo de costumes estranhos, ervas fabulosas, costumes exóticos, fenômenos sobrenaturais” (SODRÉ, 2010, p.31). Ou seja, o ‘homem-moderno’ categorizou o território negro como “um reino maldito e esquecido por Deus”, pensamento puramente medieval, para legitimar seu desejo e estrutura de poder sobre diferentes povos originários do continente Africano.

Neste sentido, Exu enquanto imagem iconográfica do diabo muito presente na imaginação e memória dos brasileiros, especialmente dos baianos da Cidade de Salvador e dos cariocas no Rio de Janeiro, é uma construção imagética da Idade Média, projetada e estabelecida na modernidade, fruto do processo de colonização e escravização das populações do chamado continente negro. Claro que aos olhos do *senso comum* ou à primeira vista é possível estabelecer comparações com características comuns e bem peculiares a Exu e ao Diabo, a exemplo do falo enorme, da cor vermelha e até do fato deles serem considerados brincalhões, no entanto essas similaridades são fruto do sincretismo religioso estruturado no Brasil entre as divindades africanas e os santos e o diabo católico.

Ou seja, Exu só pôde ser demonizado por um duplo processo: 1) pelo processo histórico de subordinação dos povos africanos, demarcados a partir de pares estruturais de contraste e oposição entre signos do atraso e do desenvolvimento, em que a Europa era considerada o centro do mundo e símbolo da civilização, portanto, seus habitantes estavam revestidos do grau máximo da civilidade, enquanto os grupos africanos eram lidos/vistos/tidos como símbolos do atraso e da infantilização dos costumes; e, 2) através do sincretismo religioso em que os povos da diáspora africana tiveram de utilizar estratégias de culto aos orixás, a partir da simulação do culto aos santos católicos. Aqui, vale ressaltar que a

transmutação e negociação entre divindades de matrizes religiosas distintas nunca se deu de maneira passiva, porém, ao invés disso, ocorreu através de negociações dinâmicas e variadas, não significando a aceitação passiva à religião católica.

3 QUEM É EXU, AFINAL?

Em entrevista, ao documentário “Exu a boca do mundo”, disponibilizado na rede (pelo *youtube*), a querida e saudosa Mãe Beata de *Yemanjá*, do *Ilê Omi Oju Arô* “Casa das Águas dos Olhos de Oxossi” – no Rio de Janeiro, declarou que: “*Exu é tudo, Exu é caminho, Exu é meu pai, meu filho, meu esposo [...]*”. Assim fica fácil entender a complexidade de quem é verdadeiramente Exu, pois, tal divindade simboliza o próprio movimento, o princípio, a força vital que habita em cada um de nós, da qual fazemos parte. *Êlêgbará* (outro nome associado a Exu) é polissêmico, polilógico e polifônico, e por esse mesmo motivo, pode ser associado ao que é tido como ruim, afinal, não podemos nos esquecer de que a matriz epistemológica privilegiada pelo projeto de ocidentalização do mundo, sempre viu sob suspeita e rechaçou a complexidade, o não completamente estruturado, organizado, o informe; remetendo-a sempre ao caos, e limitando este apenas à dimensão de perigo e negatividade, ao mau ou ordinário.

Porém, ao analisá-lo com outro olhar será possível perceber que ele pode ser compreendido como a própria “encarnação” da ancestralidade dinamizada. Desse modo, estamos diante de outra epistemologia, afinal, Exu e sua polissemia, também nos ensina a ampliar e dinamizar os significados da complexidade, e as dicotomias moralizantes que estão bastantes presentes no cenário da educação e, de modo geral, espriados em nossa cultura, por causa da nossa herança católica.

Exu é comunicação, considerado a habilidade em pessoa, é aquele que “jogando uma pedra ontem, ele matou o pássaro hoje” (VERGER, 1998). É o intermediário, mensageiro entre os homens e a divindade, os orixás. Ele mesmo sendo o divino e a ponte, o canal...

Olorum (Deus)	} <i>Enúgbárijò</i> - Exu a boca coletiva)
Orum – Orixás	
Mensageiro (Èsù)	
Aiyê – Homens	

Todavia, desconsiderando a concepção religiosa e sacra, Exu é aquele que se comunica e transforma as coisas com a palavra. Aquele que pode ser (você) ou (eu), que pode ser (nós) ou (todo mundo), pois a palavra, a comunicação é uma potência do humano. Onde

houver palavra, Exu estará presente, marcando “que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Desse modo, essa divindade transmutada em palavra, que se desdobra em todo tipo de comunicação, dizem-se, também, nos movimentos próprios daquele que vive. Logo, Exu é movimento da vida que se oferece através das comunicações. Onde houver movimento, ele estará presente! Cada vez em que se tentar embarrará-lo, ele estará à espreita, desconfiado, afinal, sua potência se relaciona ao poder daquilo que flui, que circula. E, através desse movimento, faz-se comunicação.

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá em palavra e como palavra. (BONDÍA, 2002, p.21).

É também por esse motivo que Exu é de extrema importância para conceber/propor processos educativos mais potentes, plurais e democráticos, que ao invés de podar, embargar os movimentos, libere-os. A potencialização dos movimentos do corpo, dos gestos, do pensar, do sentir, pode fazer com que sejam criados ambientes formativos mais robustos, onde a comunicação torna-se mais abundante, mais horizontalizada, mais fluida. Note-se que dizer devir já é dizer Exu. Assim, temos que

Exu filosofa com os outros Orixás procurando solução para a questão. Este método de escuta usado pelo Orixá não deixa de ser fenomenológico, pois, o Senhor dos Caminhos pesquisa levando em conta tudo e todos, despidido de preconceitos, envolvendo-se com seu objeto de pesquisa na busca de uma sabedoria oracular [...] a face pedagógica de Exu que aprende através da escuta e depois transmite o conhecimento aos homens e aos Orixás de maneira que numa só entidade estão contidas a docência e a discência que, junto à pesquisa e à escuta, são características primordiais do verdadeiro educador. (SOARES, 2008, p.87).

Nesta afroperspectiva, Exu desdobra-se no acontecer do ser mesmo do professor, o ser-educador, no diálogo cotidiano, em que “à docência e a discência que, junto à pesquisa e à escuta” em sala de aula, estabelece uma prática didático-pedagógica em preconceito ou discriminação, emergindo através do ato de acolhimento das diferenças e diversidades, o compartilhar dos múltiplos saberes. Afinal, se Exu é o mensageiro entre os orixás e os homens, e vice-versa, o Professor-Educador é, como vimos, o comunicador-dialógico *por excellence*. O intermediário entre o saber, as experiências e a formação do indivíduo.

4 EDUCAÇÃO PLURIVERSAL

A educação pluriversal “está atrelada ao cotidiano, à comunidade, esta é o de dentro, o de fora, dentro de olhares diferenciados... é a encruzilhada própria da arte de viver” (MACHADO, 2012, p.6). Neste sentido, a arte de viver (ou arte pluriversalizada) reconhece e socializa o conhecimento e os múltiplos saberes enquanto apropriação de experiências e pensamentos reflexivos adquiridos, ressignificados e propagados, e, conseqüentemente, traduzidos em transmissão/difusão de saberes plurais.

Porém, a prática docente é estabelecida a partir da impessoalidade e modelada a partir de uma suposta homogeneidade, acomodados por uma “adaptação ao concreto estado de coisas nas relações de força entre os indivíduos e as sociedades” (GALEFFI, 2013, p.3). Ou seja, o professor-educador em sala de aula dessacraliza o potencial policêntrico, polissêmico, polilógico, polidialógico da Educação formativa e escolar.

Neste sentido, a arte/educação pluriversalizada, encarnada pela emblemática figura de EXU, surge na contramão deste ensino excludente e precarizado, modelados e aplicados nas escolas brasileiras, pois, como belissimamente declama o poeta Manoel de Barros⁶, “é preciso transver o mundo”, ou, dito de outro modo: “é preciso aprender a olhar através da mirada fluida de/dita Exu”. Para isso, faz-se necessário criar possibilidades para criação, produção e sentidos do/para **saber tornado apropriado e da experiência tornada apropriante**, transvendo diversos mundos e múltiplos olhares. Por este motivo, a Educação também é sinônimo de experiência, já que ninguém passa alheio a esta **encruzilhada da ensinagem** - ensino e aprendizagem.

5 EXU NAS ESCOLAS ENQUANTO POSSIBILIDADE DIDÁTICA

O fazer pedagógico permite/possibilita ao professor-educador trabalhar com múltiplos recursos na **encruzilhada da ensinagem**. Por este motivo, trazer a música “Exu nas escolas”, do mais novo CD de Elza Soares, para a sala de aula, contribui para outras leituras de mundo(s), além de oportunizar uma análise e problematização da atualidade escolar e uma releitura sobre Exu em “nós”, turbilhonado nesses novelinhos de nós que nos formam através de conjuntos complexos de afetos, percepções, ações, pensares, semelhante aos nós

⁶ Manoel Wenceslau Leite de Barros (1916-2014) – foi um poeta brasileiro; um dos principais poetas contemporâneos; um poeta espontâneo. Sua consagração como poeta se deu ao longo das décadas de 1980 e 1990. Recebeu o Prêmio Jabuti de Poesia, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, pela obra “O Guardador de Águas”. Informações disponíveis em: https://www.ebiografia.com/manoel_de_barros/.

encontrados na rede, mas, sempre na dependência dos movimentos. Assim, Exu nos mostra que o nós é também nós, da rede, em fluxo, por isso diz-se: “Exu ata e desata”! Vejamos:

Exú Nas Escolas

Composta por Kiko Dinucci e Edgar
Faixa (nº2) do CD “Deus é mulher”, de Elza Soares
(com part. Edgar)

Exú nas escolas
Exú nas escolas
Exú nas escolas
Exú no recreio
Não é show da Xuxa
Exú brasileiro
Exú nas escolas
Exú nigeriano
Exú nas escolas
E a prova do ano
É tomar de volta
Alcunha roubada
De um deus iorubano
Exú nas escolas
Exú nas escolas
Exú nas escolas (ê-ê-exú)
Exu nas escolas (ê-ê-exú)

Estou vivendo como um mero mortal profissional
Percebendo que às vezes não dá pra ser didático
Tendo que quebrar o tabu e os costumes frágeis das
crenças limitantes
Mesmo pisando firme em chão de giz
De dentro pra fora da escola é fácil aderir a uma
ética e uma ótica

Preso em uma enciclopédia de ilusões bem
selecionadas
E contadas só por quem vence
Pois acredito que até o próprio Cristo era um pouco
mais crítico em relação a tudo isso
E o que as crianças estão pensando?
Quais são os recados que as baleias têm para dar a
nós, seres humanos, antes que o mar vire uma
gosma?
Cuide bem do seu Tcheru
Na aula de hoje veremos exu
Voando em tsuru
Entre a boca de quem assopra e o nariz de quem
recebe o tsunu
As escolas se transformaram em centros
ecumênicos
Exu te ama e ele também está com fome
Porque as merendas foram desviadas novamente
Num país laico, temos a imagem de César na
cédula e um “Deus seja louvado”
As bancadas e os lacaios do Estado
Se Jesus Cristo tivesse morrido nos dias de hoje
com ética
Em toda casa, ao invés de uma cruz, teria uma
cadeira elétrica
Exú nas escolas
Exú nas escolas (...)

Há vários aspectos importantes a serem trabalhados nesta música, porém, dois chamam mais a atenção: o primeiro refere-se ao ser professor ou à prática/movimento do fazer-se ser-professor, àquele/a que vive enquanto mero mortal profissional, percebendo os diálogos e conflitos das ações e inovações didáticas, mal compreendidas pelas fragilidades das crenças limitantes, impostas pelo próprio ambiente escolar. Outro ponto concerne ao apregoado movimento de laicidade do país, que expõe na cédula “Deus seja louvado”, a negação do multiculturalismo existente no Brasil, que se apresenta em formas de violências simbólicas em diversos cotidianos institucionais das escolas do país. Por essa ótica, o Estado laico é em sua essência cristão, ou, simplesmente: Jesus Cristo se tornou laico para simbolizar o domínio do Estado tornado soberano e laico.

Com isso, grande parte dos professores, por “não conhecer”, ou por preconceito, marginalizam e discriminam as religiões de matrizes africanas, seja através da concepção

ideológica, da verbalização, “no dito transmitir conhecimento”, ou através de táticas de silenciamento, afinal o silêncio não é neutro, ele comporta uma gama de intencionalidade e sentidos. Quem é da bênção lembrará logo de Oxalá e dos potentes rituais realizados para ele! Mas, esta é outra história... Por ora, vamos ficar na presença ruidosa de Exu. Através da sua perspectiva, intui-se que a escola deixa de educar e passa a ser um dos principais “centros de horror”, na vida do jovem-estudante, ainda mais se este for negro e adepto do candomblé, pois, inevitavelmente, surge um conflito entre a educação desenvolvida/compartilhada dentro dos terreiros de candomblé(s) e o discurso discriminatório vivenciado no cotidiano da sala de aula, nos pátios da escola, e, às vezes, até em escritos nas paredes dos banheiros masculino e feminino. Porém, como resistência, é preciso afirmar a importância de “Exu nas escolas”, afinal, dizer isso é já criar táticas e estratégias didático-pedagógicas, epistemológicas, e até ontológicas, que ajudam a “transver”, transsentir, e transviver o atual estado em que se encontra educação e mundo. É reforçar uma educação que está diretamente relacionada ao mundo, e não tenta prescindir dele. Uma educação profanadora em que “os conhecimentos e as habilidades são efetivamente suspensos dos caminhos em que a geração mais velha cuidou de colocá-los em uso em tempo produtivo” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2013, p 40), em que pode florescer liberdade e criações de novos sentidos, novos modos de experimentações. Aliás, nesse movimento (portanto, EXU presente), há a importante consolidação do que é comum, público, afinal o saber torna-se disponível abundante e disposto de modo que circule. Então, o importante “é que são precisamente essas coisas públicas - as quais, por serem públicas, então, portanto, disponíveis para uso livre e novo - que proporcionem à geração mais jovem a oportunidade de experimentar a si mesma como uma nova geração” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2013, p 40). Porque, não existe o novo sem Exu! Tal movimento lembra a interpretação que Deleuze faz da conhecida e enigmática máxima Nietzscheana sobre “o eterno retorno do mesmo”, afinal “o Mesmo não volta, é o voltar apenas que é o Mesmo daquilo que devém” (DELEUZE, 2016, p. 54), ou seja, o mesmo diz-se apenas do movimento que sempre devém, porém, diferindo-se do que era. Exu possui várias faces! É boca do mundo...

6 ANCESTRALIDADE DIDÁTICA

A tradição que acontece através da boca de Exu, assinala que a mesma não se dá sem a intromissão do novo, afinal a ancestralidade está sustentada na circularidade das ações e dos sabres e “na encruzilhada do pensamento contemporâneo” (OLIVEIRA, 2012, p. 28).

Seguindo este raciocínio/movimento, a filosofia da ancestralidade didática, em solo brasileiro, reivindica seu fazer e refazer didático-pedagógico, a partir da dinamicidade étnico-racial, ou seja, a partir da contextualização e compreensão filosófica da tradição ou das tradições africanas; utilizando o corpo, o rito, o mito enquanto componentes singulares e recursos da **encruzilhada da ensinagem** das novas gerações.

A ancestralidade, na perspectiva da experiência africana, é uma filosofia que, como todas as outras, produz mundos para muito além de produzir conceitos. [...] Parte-se da África inventada no Brasil que é o lugar daqueles que sobreviveram por um motivo simples: não se deixaram converter em indivíduos, e mantiveram-se comunidades (OLIVEIRA, 2007).

Ou ainda:

Não fosse isso, teríamos desaparecido, enquanto experiência de resistência, permanência e consistência da face da terra! O encantamento advindo da experiência africana dá-se quando temos olhos para ver as estruturas. ... É uma visão de conjunto. Um olhar de longe, mas estando dentro. (OLIVEIRA, 2012, p.43-44).

Nesta afroperspectiva, a ancestralidade “é uma categoria analítica que contribuiu para a produção de sentidos e para experiência ética” (OLIVEIRA, 2012, p. 30). E, seguindo o caminhar de Exu, nos coloca na atitude de espanto diante daquilo que é novo, o assombro. Com isso temos uma tradição ancestral inesgotável, visto que amparada na potência da novidade, e disposta na **encruzilhada de ensinagens**. Assim:

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “im-posição” (nossa maneira de impormos), nem a “pro-posição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (BONDÍA, 2002, p.25).

Para compreender a ancestralidade filosófica do Ser ou tornar-se Negro - africano e afro-descendentes -, é preciso reconhecer a sua ‘exposição’ enquanto atores/atrizes na construção coletiva dessas histórias cotidianas, marcadas de dores, de labutas, mas também de resistência, liberdade, fazeres inventivos, que dialogam com múltiplas circularidades do saber; com a corporeidade, a musicalidade, a oralidade etc.

7 POSSÍVEL OU IMPOSSÍVEL (IN)CONCLUSÃO

A primeira certeza (consciente) deste estudo é saber que tudo que foi exposto no presente ensaio não consiste em nenhuma resposta “pronta”, “acabada”, mas são provocações

reflexivas e experienciais, potenciais possibilidades didático-metodológicas; pois, pensar no Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é - minimamente - provocar e meditar sobre os desafios e anseios por concepções e práticas pedagógicas mais inclusivas e plurais, que consigam dar conta da diversidade de movimentos e saberes que ocorrem entre os muros da escola, e além dela. Com isso, temos que também os dissensos, os erros, as elipses são formativos, constituem parte inerente à dinâmica da arte de educar.

Entretanto, certificar a (in)conclusão das elaborações epistemológicas, não significa reduzir as práticas pedagógicas já desenvolvidas, nem tão pouco significa limitar as múltiplas e plurais possibilidades de atividades e experimentações emancipadoras e transformadoras na sala de aula, mas ao invés disso, significa profanar o que está posto, pôr-se em busca, se aventurar pelos (des)caminhos que não trarão certezas prontas, mas, colocará à todos(as) na condição de buscadores(as), no instável e potente horizonte da comunicação, afinal, “entre a boca de quem assopra e o nariz de quem recebe o tsunu”, encontra-se um mundo sempre se fazendo, onde “as escolas se transformaram em centros ecumênicos. Porque, aprender-se-á a valiosa lição de que “Exu te ama e ele também está com fome”.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, Nº 19: p.20- 28, jan/abr, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Portugal, Lisboa: Edições 70, 2016.

EXU no Candomblé. **A boca do mundo**. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tcO7fN_19kY. Acesso em 10 jun. 2018.

GALEFFI, Dante Augusto. **Por que ensinar filosofia hoje?** – Texto apresentado no II Simpósio Estadual sobre o Ensino de Filosofia da UERN, no campus da UERN de Mossoró, no dia 09/08/2013, em uma mesa redonda com o prof. Dr. Pedro Gontijo e mediada pelo Prof. Dr. Marcos Zuben.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana e currículo: aproximações. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Brasília, n. 18, p. 4-27, mai/out, 2012.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marriten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, nº 18: p.28- 47, mai/out, 2012.

SOARES, Emanuel Luís Roque. **As vintes e uma faces de Exu na filosofia afrodescendentes da educação**: imagens, discursos e narrativas. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza-CE, 2008.

SODRÉ, Jaime. Exu – a forma e a função. **Revista VeraCidade**, ano IV, n. 5, out. 2009.

SODRÉ, Jaime. **Da diabolização à divinização**: a criação do senso comum. Salvador: EDUFBA, 2010.

SOUZA, Foretina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO); Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, África**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: EDUSP, 1998.